

Entre a dor e a esperança: humanização e luta em *A vida verdadeira de Domingos Xavier*

Between Pain and Hope:

Humanization and Struggle in *A vida verdadeira de Domingos Xavier*

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Doutor em Letras (Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, Paraíba, Brasil)

Professor substituto (Instituto Federal da Paraíba – IFPB, Monteiro, Paraíba, Brasil)

awsvasconcelos@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5472-8879>

VIEIRA, José Luandino. *A vida verdadeira de Domingos Xavier*. São Paulo: Kapulana, 2024. 104 p. ISBN 978-65-87231-33-4.

A reedição de *A vida verdadeira de Domingos Xavier* por José Luandino Vieira, sob os cuidados da Editora Kapulana, reativa a presença de um dos mais emblemáticos romances da literatura angolana, tornando-o novamente acessível e relevante para leitores contemporâneos. Publicado originalmente em 1961, o livro transcende seu tempo, mantendo-se atual na maneira de narrar não apenas uma história, mas de tecer sentidos e memória social, humanizando o sofrimento e a esperança frente à opressão colonial.

O protagonista, Domingos Xavier, tratorista preso e torturado por não delatar seus companheiros de luta, não é apenas um indivíduo, mas símbolo de uma resistência que ultrapassa a singularidade biográfica. Luandino Vieira mergulha no universo íntimo do personagem, inscrevendo-o em uma rede de solidariedade e dor que envolve esposa, vizinhos, amigos e até desconhecidos, todos unidos por um destino comum de sobrevivência e enfrentamento. O cenário escolhido – os musseques de Luanda e as terras de Cambambe – não é mero pano de fundo, mas personagem ativo: o solo angolano é palco de conflitos, de encontros, de histórias entrelaçadas, de vidas que se cruzam e se transformam. A terra, na narrativa, é matriz de identidade, fonte de pertencimento e território disputado, onde se trava a batalha pela dignidade e pela liberdade.

A obra não se limita à denúncia da violência colonial, mas convida à reflexão sobre o significado de resistir, sobre o preço da solidariedade e sobre a força da

esperança, mesmo diante do desespero. O sofrimento de Domingos é tratado com delicadeza e respeito, evitando qualquer espetacularização da dor. Paralelamente, acompanhamos a trajetória de Maria, sua esposa, que percorre Luanda em busca de justiça, tornando-se símbolo da resistência feminina e da persistência da vida diante da morte.

O narrador assume uma posição ambígua, ora próximo, ora distante, compartilhando das dores e esperanças dos personagens, mas mantendo um olhar crítico, como se soubesse que a luta ainda não terminou e que a vitória depende da união de todos. Essa ambiguidade reforça o sentido comunitário da obra, mostrando que a dor do protagonista não é apenas sua, mas de toda uma comunidade que se articula em torno de valores comuns. O narrador torna-se porta-voz dos oprimidos e cronista da esperança, registrando a luta e a transformação sem perder de vista a complexidade das relações humanas.

A obra pode ser lida como romance-manifesto, que convoca não apenas angolanos, mas todos os leitores, à união e à resistência. A diferença está em que a convocação se dá por meio da literatura, da palavra escrita, que se torna arma fundamental na construção de uma nova identidade. A força da escrita de Luandino reside na capacidade de transformar a literatura em espaço de luta e de esperança, enfatizando a dimensão ética do compromisso com a transformação social.

A linguagem do autor é outro destaque: uma prosa límpida, direta, mas repleta de nuances e referências à cultura oral africana. O ritmo da narrativa é marcado pela oralidade, pelo uso de expressões locais e pela presença do humor, mesmo em situações de extrema tensão. Essa escolha estilística confere autenticidade ao texto, aproximando o leitor dos personagens e de suas experiências, e permitindo que a esfera coletiva da resistência seja sentida de forma visceral.

A reedição pela Editora Kapulana traz ainda textos de amigos e estudiosos que revisitam o impacto do romance no imaginário literário e político angolano, reforçando sua importância como documento histórico e obra de arte. O fato de o livro ter circulado clandestinamente, sendo lido por grupos de resistência como estandarte da luta pela independência, atesta seu valor fundacional e sua capacidade de inspirar gerações.

Entre as linhas, percebe-se a presença de uma multidão silenciosa, cujas vozes ecoam nas conversas de rua, nos murmúrios dos musseques, nos olhares de quem acompanha, impotente, a dor do protagonista. Essa coletividade, embora não nomeada, é parte fundamental da trama, a partir da qual se constrói o sentido da luta e da resistência. O autor, ao dar voz a essa multidão, faz da literatura

espaço de encontro e reconhecimento, onde cada leitor pode se identificar não só com Domingos, mas com todos que já sentiram o peso da opressão.

A relação entre Domingos e Maria merece destaque. Ao contrário de muitos romances de resistência, que relegam as mulheres a papéis secundários, Luandino Vieira confere a Maria presença ativa e decisiva. Ela não é apenas esposa que chora, mas mulher que age, percorre a cidade em busca de justiça, enfrenta a burocracia e a violência do sistema colonial. Sua trajetória, paralela à do marido, é também história de resistência, sobrevivência e dignidade, tornando-se símbolo da força feminina e da capacidade de transformar dor em ação.

O humor, elemento muitas vezes negligenciado em análises de romances de resistência, é outro aspecto relevante. Luandino Vieira insere momentos de leveza e ironia em meio à tensão, humanizando ainda mais seus personagens e mostrando que a vida, mesmo em tempos de dor, não se resume ao sofrimento. O humor, nesse sentido, é forma de resistência, modo de afirmar a vida diante da morte, de manter a esperança diante do desespero.

A presença da cultura oral africana confere singularidade ao romance. Ao incorporar expressões locais, provérbios e referências à tradição oral, o autor faz da literatura espaço de afirmação identitária, onde a voz do povo encontra ressonância. A oralidade, assim, não é apenas recurso estilístico, mas forma de resistência, de afirmação de uma cultura que, apesar de tudo, resiste e se reinventa. O romance é também ato de preservação e celebração da herança memorial, convite a não esquecer as raízes e a força da tradição.

Para aprofundar a análise, vale explorar cenas específicas, como o momento em que Domingos é levado para a prisão. O autor constrói a tensão de forma gradativa, alternando entre a perspectiva do protagonista e a dos que observam à distância, impotentes diante da injustiça. A descrição do ambiente carcerário, do tratamento desumano a que é submetido, do silêncio dos companheiros e dos gritos dos torturadores contribui para criar um clima de opressão e medo. No entanto, mesmo em meio à dolorosa realidade, há lampejos de solidariedade, pequenos gestos que lembram ao leitor que a resistência não se resume à violência, mas também à capacidade de manter a dignidade e a esperança.

O papel dos personagens secundários também merece atenção. O amigo de Domingos, que tenta ajudá-lo mesmo arriscando a própria vida, representa a força da amizade e da lealdade. A vizinha, que compartilha do sofrimento da família, mostra como a dor de um é a dor de todos, e como a solidariedade pode surgir mesmo nas situações mais adversas. Esses personagens, embora não centrais, são

fundamentais para a construção do sentido da obra, pois são justamente eles que dão corpo à expressão compartilhada de insubmissão.

No contexto contemporâneo, as questões levantadas por Luandino Vieira permanecem atuais. A luta pela liberdade, a resistência à opressão, a afirmação da identidade e da dignidade são temas que continuam a mobilizar leitores e escritores em todo o mundo. O romance pode ser lido não apenas como documento histórico, mas como convite à ação, à reflexão e à transformação social. A literatura, aqui, não se limita a contar histórias; ela se torna espaço de luta, de encontro e de esperança, mostrando que a palavra escrita pode, sim, mudar o mundo.

Por fim, *A vida verdadeira de Domingos Xavier* é uma obra que desafia classificações simplistas, atravessa o tempo e se mantém como obra aberta, convidando à reflexão sobre o que significa ser humano em tempos de opressão. Não se trata apenas de um romance de resistência, nem de um manifesto político, mas de uma narrativa complexa e multifacetada, que articula ética e estética, história e ficção, dimensões individuais e coletivas. O protagonista encarna simultaneamente a condição de herói e de vítima, de figura simbólica e de ser humano concreto, e sua trajetória suscita uma reflexão sobre o preço da liberdade e sobre a urgência de resistir diante das adversidades mais cruéis. O romance permanece como farol para todos que acreditam no poder transformador da literatura e na possibilidade de construir um mundo mais justo e solidário.

REFERÊNCIA

VIEIRA, José Luandino. *A vida verdadeira de Domingos Xavier*. São Paulo: Kapulana, 2024.

Recebido em: 24/06/2025

Aprovado em: 01/09/2025

